

Augusto José da Silva

Às doze horas do dia 19 de Dezembro de 1905, desencarnou repentinamente na cidade de Lavras (Minas Gerais), vítima de angina pectoris, o médico Dr. Augusto José da Silva, peregrino talento, coração de ouro, caráter sem jaça.

Se os contemporâneos do Dr. Augusto o tinham na conta de um grande benfeitor, de um homem que, no consenso geral, era a encarnação da bondade, as novas gerações, que não o conheceram em seu corpo físico, apelam, no entanto, sistematicamente, para o seu Espírito, por sabê-lo sempre disposto a acudir a todos quantos lhe batam às portas do coração.

Lá no Espaço, continua ele prestando, mormente aos habitantes de Lavras e regiões circunvizinhas, aquela mesma assistência médica permanente, além de outros benefícios de ordem moral e sentimental, salientando-se que para o «Centro Espírita de Lavras», respeitável casa de oração e caridade, é ele, até hoje, o abnegado protetor de todas as horas.

É, pois, desse médico lavrense, possuidor de notável erudição científica, que ousamos traçar a biografia, a fim de que ela, por meio das páginas deste livro, possa ser uma voz a lembrar e a exaltar o seu Espírito, no decorrer dos anos, pois que vida como a do Dr. Augusto José da Silva é um verdadeiro exemplo a ser seguido e um incentivo para todos os que labutam neste mundo.

Nasceu ele em Lavras, no dia 5 de Julho de 1845, concluiu o curso de humanidades no Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, doutorando-se em Medicina, em 1872, pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

Sua tese de formatura versou sobre o tema: «Da esterilidade, suas causas e meios de curá-la».

Logo que recebeu o grau de médico, regressou à sua cidade natal, onde clinicou pelo espaço de dois anos; a seguir, transferiu residência para a cidade de Bom Sucesso, também em Minas Gerais, lá contraindo matrimônio com D. Belmira Cândida da Fonseca. Seu lar foi engalanado com seis filhos, um dos quais faleceu ao nascer. Quatro filhos homens formaram-se respectivamente em Engenharia, Medicina, Farmácia e Direito. A filha única consorciou-se com distinto médico de Lavras. Todos foram preparados para o caminho da virtude e do dever, e, graças à dedicação e aos conselhos do pai, alcançaram um futuro promissor.

Enviuvando em 27 de Janeiro de 1885, não se sentiu com coragem bastante para permanecer em Bom Sucesso, onde tudo fazia avivar sua grande dor pela perda da companheira. Assim, retomou para Lavras.

Foi nesse estado de alma que se entregou, com sofreguidão, ao estudo aprofundado do Espiritismo, tornando-se desde logo fervoroso adepto da Codificação Kardequiana.

E a tal ponto chegou o seu entusiasmo pela nova Revelação, que não se limitou a conservar a sua fé egoisticamente para si; muito pelo contrário: indiferente às risotas e às críticas a que estaria sujeito, saiu em campo para pregar o Espiritismo cristão por todos os meios a seu alcance, embora se possa dizer que sua vida exemplaríssima foi, em verdade, o mais importante fator na conversão de muitos.

Suas interpretações acerca das lições evangélicas, à luz do Espiritismo, tinham naturalmente de desagradar a várias pessoas ainda afeiçoadas a velhas crenças religiosas. Como espírita, deu a público algumas traduções e inúmeros artigos de vulgarização e propaganda, nos quais - declarou o «Reformador» da época - a singeleza do estilo, castiço todavia, já de si mesma revelava a simplicidade característica do seu espírito.

E de tal modo incutia ele as suas convicções no povo lavrense, que os católicos mais fanáticos, por não encontrarem opositores à altura, se viam obrigados a se recolherem na sua irritação.

Só por aí bem se pode avaliar o vigor da inteligência, a têmpera de espírito e a firmeza de fé do Dr. Augusto.

E' preciso ressaltar que nesse terreno de convicções religiosas, tão fértil na germinação de ódios, encontrou ele adversários de suas ideias, é claro, mas em toda a sua jornada terrena jamais teve inimigos.

Os que discordavam de sua maneira de pensar, respeitavam-no, mesmo porque sua vida, em qualquer setor de atividade a que estivesse ligada, era um espelho de virtudes.

Além dos seus afazeres profissionais, como médico, exerceu também, e por alguns anos, o cargo de provedor da Santa Casa de Misericórdia, apresentando uma administração das mais profícuas.

Durante dois triênios prestou, como vereador, relevantes serviços ao município de Lavras; e, na função de chefe do executivo municipal, destinou todo o seu subsídio para a

aquisição, na América do Norte, de magnífica mobília escolar, que nos parece ter sido doada ao Instituto Evangélico de Lavras.

Como republicano histórico, jamais solicitou votos, pois tudo quanto fizera e fazia em favor do Governo e, portanto, do País, era, em sua opinião austera, um dever inerente a todo patriota.

Por algum tempo clinicou em Belo Horizonte, na época em que esta futura capital mineira se achava em construção.

Segundo o belo depoimento do seu irmão, Dr. Gustavo Pena - culto e ilustrado escritor de «Na Europa Latina», «Além dos Mares», «Educação», «Prosa Leve» e outras obras literárias e educativas -, Augusto José da Silva, mal deixara a Escola de Medicina do Rio de Janeiro, e instalara seu consultório em Lavras, recebeu da Municipalidade a incumbência de ir à povoação do Carmo da Cachoeira, onde terrível epidemia de varíola dizimava a população do distrito, chegando a falecer, durante esse tempo, dezenas e dezenas de enfermos, rebeldes por preconceito à vacina e a qualquer cuidado médico. E tamanho era o pânico, que o jovem e caridoso facultativo, ajudado por dois amigos, se via obrigado, à noite e às vezes sob fortes chuvas, a abrir covas e enterrar os variolosos que faleciam durante o dia.

Quem desconhece as dificuldades daqueles tempos, não pode aquilatar o quanto de sacrifícios e canseiras era exigido dos médicos que, no interior do País, faziam da Medicina um verdadeiro sacerdócio.

Algum tempo depois - conta-nos, ainda, o doutor Gustavo Pena - seguia o Dr. Augusto José da Silva para uma visita a um enfermo, em fazenda distante, quando, à distância de uma légua e meia da cidade, soube, por um amigo vereador, que a Câmara havia recebido autorização do Governo da Província para lhe entregar a soma de oitocentos mil réis, como paga de seus serviços, de quase dois meses, naquela dura e perigosa missão em Carmo da Cachoeira.

A moléstia da pessoa a quem ia ver, sabia-o ele, não podia agravar-se com algumas horas de atraso do médico.

Regressou, então, à cidade, apeou à porta da Câmara, recebeu o dinheiro e foi imediatamente levá-lo ao tio, o Capitão Silvestre Alves de Azevedo, que fidalgamente lhe havia fornecido os meios para as despesas de sua formatura. Com o espírito mais leve, com a satisfação íntima de quem se desobriga de um compromisso de honra, seguiu então viagem,

augmentando assim de três léguas o caminho a percorrer, e só à noite chegou ao termo da jornada, fatigado, mas contente com a sua consciência, tão melindrosa em questões de probidade pessoal.

*

Como denodado obreiro do Senhor, pode-se dizer que ele desencarnou em plena atividade, e isto porque momentos antes formulara diversas receitas, escrevera, sob o conhecido pseudônimo de Senex, seu costumeiro artigo para ser publicado na «Folha de Lavras», indo, depois, à casa de seu dedicado genro, Dr. Zoroastro Alvarenga, despedir-se deste, de sua extremosa filha e de seu netinho, que viajavam para Perdões.

Por julgarmos interessante e oportuno o artigo a que nos referimos, o último que escreveu, intitulado «As Crianças», e para que os nossos leitores possam ter uma idéia de como era admirável a sua pena e a correção de seu fraseado, pois fora um cultor do nosso idioma, desde os tempos de estudante, seja-nos permitido inclui-lo neste bosquejo biográfico:

AS CRIANÇAS

E' costume nosso muito antigo dar mínima importância às crianças.

Parece-nos que elas pouco se diferenciam de bichinhos mansos, e que, como lhes damos o que comer e o que vestir, poderemos enfadá-las, enfrenesiá-las, fazê-las rir ou chorar, segundo aprouver ao nosso egoísmo.

Erro, e erro funesto. As crianças são nossos credores, o que já é como dizer que lhes devemos acatamento e respeito. Além do que, são entes melindrosos, que se deixam entrar das boas como das más qualidades, e se ofendem por nada: um ralho, um gesto de impaciência ou ira pode azedar-lhes a índole e transformar-lhes o caráter.

Há muito quem cuide que é dever maltratar as crianças, bater-lhos, sopitar-lhes brutalmente o saudável choro, obrigá-las a serviços. Se suspeitássemos o mal que nós fazemos, teríamos mais cuidado de soffrear nossos ruins impulsos. As crianças maltratadas vingam-se cedo ou tarde com seu irreprimível desamor àqueles que as brutalizam, e para logo começam a espancar os parceirinhos e os animais, por não poderem ainda retribuir aos pais o mal que eles lhes vão fazendo.

Jesus era todo doçura e amor às crianças e não se lêem nos Evangelhos passos em que lhes ralhasse ou as tirasse de si.

A Nova Revelação vem esclarecer-nos em nossas relações com os pequeninos. Estão a dizer-nos os emissários de Jesus, que é o Governador e Guia da Humanidade terrena: «Sois devedores desses que vos vão nascendo. Em anteriores existências fostes seus inimigos, fizestes-lhes algum mal: e nosso Pai Celeste vo-los confia, como um dono de terras entrega a seus trabalhadores uma plantinha delicada a efeito de eles a cuidarem amorosamente.

Não os estragueis com vossa maldade; guiai-os nos caminhos de Jesus; fazer que por vossos cuidados e carinhos se apague neles a memória do mal passado, e assim os tenhais por amigos, ao voltar para vossa pátria.»

Qual a religião que alou seus sentimentos a esta sublimidade? Qual a que deu base tão segura à fraternidade universal? Quase todas mandam que os filhos se submetam aos pais, e a estes dão o direito de serem severos, duros e brutais com seus filhos.

Não nos esqueça o que devemos aos filhos: eles são nossos credores, a quem devemos cuidados, carinhos, bons conselhos, bons exemplos e instrução, ao passo que aos outros não passamos de dever o vil dinheiro.

Sua colaboração escrita, sempre apreciada por incontáveis leitores, se estendia a todos os jornais profanos de Lavras, não se falando dos seus trabalhos de fundo puramente espírita estampados em vários dos nossos periódicos, mormente na «Verdade e Luz» de S. Paulo, a cujas páginas emprestou, por mais de seis anos, o brilho de sua cultura doutrinária. E' de sua autoria uma brochura intitulada «Diálogos Espíritas».

Sua fama de médico consciencioso e ilustrado, aureolado pela caridade, transpôs os limites do Estado montanhês, tanto assim que o poeta vassourense Casimiro Cunha, lá do Estado do Rio, ao saber da desencarnação do Dr. Augusto, deixou que seu coração se extravasasse neste belo soneto, em homenagem ao recém-libertado.

A. J. DA SILVA

Águia, nos voos para além da vida!

Titã, nas lutas pelo amor fraterno,

Medindo os astros, derrocando o inferno,

Rompendo as trevas de cabeça erguida!

Lince, nos olhos, se buscava o Eterno

Por entre os mundos, pela azul guarida!

Anjo da paz, na redentora lida!

Exemplo vivo do pastor moderno!

- Eis o que foste, Espírito sublime,

Neste planeta, onde perdura o crime,

Neste deserto que se alaga em pranto!

Na tua bela e pródiga existência,

Um justo foste, apóstolo da Ciência!

Missionário do bem, tu foste um santo!

A imprevista notícia do desenlace do Dr. Augusto José da Silva ecoou por toda a cidade de Lavras como um funesto acontecimento, deixando aturdida a população, que não podia absolutamente acreditar na veracidade da notícia. Quase todo o comércio cerrou as portas. A Câmara Municipal e a «Sociedade Italiana de Mútuo Socorro», da qual o finado era sócio benemérito, hastearam o pavilhão em funeral.

Na sua residência, deram-se as mais patéticas cenas.

Os pobres que invadiam a casa ajoelhavam diante do corpo inanimado do Dr. Augusto, banhando-o de lágrimas, recordando em frases entrecortadas de soluços os benefícios recebidos.

Sua segunda e dedicadíssima companheira, Dona Maria Benícia da Silva, com quem ele contraíra núpcias em Janeiro de 1905, estava inconsolável.

No dia seguinte, 20 de Dezembro de 1905, às 13 horas, enorme multidão de pessoas, vindas até de cidades circunvizinhas, acompanhou os despojos do doutor Augusto ao cemitério, onde se processou o sepultamento, estando ali representadas todas as classes sociais.

Nesta oportunidade, usaram da palavra o Doutor Antônio Ribeiro da Silva, em nome da classe médica, o Sr. Alonso Marinho dos Santos, em nome do povo de Perdões, e o Sr. Firmino Costa, em nome de Lavras.

Este último senhor destacou os inúmeros benefícios que o extinto trouxe àquele município, ao qual dera o melhor de sua inteligência e de sua atividade.

«Ali, naquele pequeno escritório - lembrou o Sr. Firmino Costa -, onde então eu era vosso humilde auxiliar, ali, mais do que tudo, vi muitas vezes vosso sofrimento por causa do município! Essa pureza de sentimentos, essa retidão de caráter, esse desinteresse que tínheis, chocavam-se com as ambições do mundo, e vosso coração sofria, e vosso espírito padecia, e assim se tornava sacrifício para vós a administração do município... Se a cruz da vida é pesada, como que a fazíeis mais pesada ainda! ... »

Do discurso do Dr. Ribeiro da Silva limitar-nos-emos a reproduzir este breve trecho de vibrante apoteose ao ilustre morto:

Não assumo a tarefa de vos dizer aqui, senhores, quem foi o Dr. Augusto José da Silva.

A outros cabe acentuar a magnanimidade do seu coração tão puro, tão transparente, tão nobre; frisar a elevação do seu caráter adamantino, a sua fortaleza de ânimo; pôr em evidência a pujança da sua mentalidade, que iluminava com fulgores dourados quantos dele se aproximavam; descrever a sua extraordinária capacidade para o trabalho, que se revela nas mais variadas esferas da atividade intelectual.

A mim me cabe tão somente dizer um adeus ao colega, por mais de um título admirado, que acaba de tombar na liça e que muito nos edifica pela sua solicitude profissional, pelo entusiasmo com que acompanhava o progredir da ciência médica; a mim tão somente cabe trazer-lhe a homenagem de seus companheiros de clínica rural que, saudosos, vêm partir para sempre o seu decano regional, aquele que, pode-se dizê-lo, foi o primeiro a abrir as sendas, a rasgar os caminhos que hoje eles trilham cotidianamente.

Tua memória não perecerá, colega ilustre, pois não há-de permiti-lo a justiça da História, que é indefectível, posto que muita vez seródia.

E Lavras, Lavras em todos os tempos se ufanará por ter sido berço, e por guardar os despojos veneráveis de seu filho idolatrado, o Dr. Augusto José da Silva.

Honrando e servindo a Jesus, tanto pela palavra, como, sobretudo, pelas obras, nosso homenageado inscreveu para sempre o seu nome entre aqueles adeptos que, segundo Allan Kardec, apresentam os sinais característicos para se distinguirem como verdadeiros espíritas!

Fonte: Grandes Espíritos do Brasil.